

## A IMPORTÂNCIA DO FELINO DOMÉSTICO NA TRANSMISSÃO DE ESPOROTRICOSE

THALANTY MAYARA GALLEGOS<sup>1</sup>; LAURA MICHELON<sup>2</sup>; ISABEL MARTINS MADRID<sup>3</sup>; MARIANE SIEVERS OSIELSKI<sup>4</sup>; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [thalanty@uol.com.br](mailto:thalanty@uol.com.br)

<sup>2</sup>UFPEL – [lauramichelon@msn.com.br](mailto:lauramichelon@msn.com.br)

<sup>3</sup>UFPEL – [imadrid\\_rs@yahoo.com.br](mailto:imadrid_rs@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>UFPEL – [nani.osielski@gmail.com](mailto:nani.osielski@gmail.com)

<sup>5</sup>UFPEL – [marciaonobre@gmail.com](mailto:marciaonobre@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea, subaguda ou crônica, causada por espécies do complexo *Sporotrix Schenckii*, compreendendo pelo menos 6 espécies (Antunes et al. 2009, Vásquez-del-Mercado et al. 2012), sendo a *S. brasiliensis* mais prevalente na região sul e sudeste do país, onde há áreas endêmicas para a doença (CRUZ, 2013), sendo esta mais virulenta de acordo com a revisão de Rodrigues et al. (2014)

Tendo como características serem dimórficas e geofílicas, as espécies estão amplamente distribuídas na natureza, em solo rico em matéria orgânica em decomposição, em folhas secas, madeira, e espinhos de plantas (principalmente roseiras) e musgos (LOPES-BEZERRA et al. 2006, ANTUNES et al. 2009), por conta disso, a esporotricose é considerada um risco ocupacional para os indivíduos que trabalham com jardinagem, pois a principal forma de infecção é através da inoculação do fungo através da perfuração por espinhos ou lascas de madeira (GINN, et al. 2007, SHUBACH et al. 2012).

A transmissão zoonótica pode ocorrer através das mordidas e arranhões, sendo o gato a espécie mais associada a essa forma de contágio, devido à grande quantidade de leveduras em suas lesões, mas também por carregarem o agente nas unhas devido ao hábito felino de arranhar troncos de árvores e madeiras, e na cavidade oral (SOUZA et al. 2006, ANTUNES et al. 2009, SHUBACH et al. 2012).

O objetivo deste trabalho foi avaliar a importância do felino doméstico na transmissão de esporotricose na região de Pelotas (RS).

### 2. METODOLOGIA

Durante o período de janeiro a agosto de 2016, foi realizado estudo em parceria com o Centro de Controle de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Pelotas, com felinos com esporotricose. Para a confirmação do diagnóstico de esporotricose nos felinos, era feita avaliação clínica e coleta de secreção das lesões, com zaragatoa estéril, a qual era encaminhada para posterior análise. Em relação à transmissão da esporotricose foram feitos questionamentos aos tutores desses felinos, em relação ao contato do felino com humanos e com outros animais e ainda foi investigado se os tutores tinham história do desenvolvimento de esporotricose. Ao final de todos os procedimentos, eram feitos esclarecimentos sobre a doença, alertando sobre o risco de transmissão aos outros animais e aos homens, por isso a importância de castrar os animais e restringir o acesso às ruas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 34 felinos que participaram deste estudo, foi confirmado esporotricose em 30, destes todos (100%) tinham contato com humanos. O estudo demonstrou que dos 30 felinos com esporotricose, 23 (76,67%) tinham contato com outros gatos, um (3,33%) tinha contato com cães e gatos, 5 (16,67%) o tutor não soube informar se havia contato com outros animais e apenas um (3,33%) não tinha contato com outros animais. Ainda foi observado que havia convivência destes gatos com esporotricose com contactantes felinos 12 (40%) e humanos 3 (10%), com lesões.

Pode-se dizer que este estudo corrobora FARIAS et al. (1997) e SHUBACH & SHUBACH (2000), onde ressaltam a importância do felino doméstico na transmissão da esporotricose pelo grande número de leveduras encontradas em suas lesões, possibilitando assim, a transmissão do fungo presente no felino para o humano, que é evidenciado pela presença de lesões compatíveis com esporotricose em 10% dos tutores.

FILGUEIRA (2009) relatou um caso de esporotricose canina, onde o animal tinha contato com felinos peridomiciliados, isto vai ao encontro de nosso estudo, pois os felinos estudados em questão tinham acesso à rua, tendo maior exposição ao fungo no ambiente. Portanto, possivelmente a transmissão da esporotricose para o canino ocorreu através do gato infectado, o que corrobora MADRID et al. (2007), onde também foi relatado um caso de esporotricose canina por um felino.

O felino doméstico é de extrema importância na disseminação da esporotricose já que às lesões encontradas nos gatos conterem um grande número de células fúngicas, o que difere do encontrado em outras espécies, como cães e humanos. Além disso, pela forma de vida do gato doméstico, ele também pode carrear o fungo em unhas e cavidade bucal tanto de felinos enfermos como os sadios (FARIAS et al., 1997; SCHUBACH et al. 2000; SOUZA, 2001).

### 4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o felino doméstico é um importante disseminador da esporotricose, principalmente quando se trata dos que tem acesso à rua, visto isso, é importante que se esclareça aos tutores de felinos domésticos para estes permanecerem em ambiente controlado impedindo as brigas territoriais e por fêmeas, e consequentemente a disseminação do fungo.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, T.A; MEINERZ, A. R. M; MARTINS, A. A; MADRID, I. M; NOBRE, M. O. Esporotricose, p. 109-121. In: Meireles M.C.A & Nascente P.S. (Orgs), **Micologia Veterinária. Ed. Universitária Ufpel**, Pelotas, 2009.

CRUZ, L.C.H. Complexo *Sporothrix schenckii*: revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. **Veterinária e Zootecnia**, v.20, p.8-28, 2013.

FARIAS, M.R; COSTA, P. R. S; FRANCO, S; FERREIRA, H. Esporotricose canina e felina. **Cães & Gatos**, n.66, p.30-38, 1997.

FILGUEIRA, K. D. Esporotricose na espécie canina: relato de um caso na cidade de mossoró, RN. **Ciência Animal Brasileira**. V. 10, n. 2, p. 673-677, 2009.

GINN, P. E; MANSELL, J. E. K .L; RAKICH, P. M. Sporotrichosis. In: Jubb K. V. F., Kennedy P. C & Palmer N. (Eds), **Pathology of Domestic Animals**. V. 1, 5<sup>th</sup> ed, Elsevier, Philadelphia, 2007.

LOPES-BEZERA, L. M; SCHUBACH, A; COSTA, R.O. Sporothrix schenckii and sporotrichosis. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. V. 78 n. 2 p: 293-308, 2006.

MADRID, I. M; JUNIOR, R. S; JR, D. P. S; MUELLER, E. N; DUTRA, D; NOBRE, M. O; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose canina: relato de três casos. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n. 1, p. 105-108, 2007.

RODRIGUES, A. M; HOOG, G. S; ZHANG, Y; CAMARGO, Z. P. Emerging sporotrichosis is driven by clonal and recombinant Sporothrix species. **Emerg. Microbes Infect.** V. 3, n. 5, p: 1-10, 2014.

SANTOS, G. B; GALARÇA, G. F. A; SCROFERNEKER, M. L; STOPIGLIA, C. D. O. Avaliação da suscetibilidade aos antifúngicos de isolados do complexo Sporothrix Schenckii. In: **VII SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 7, Uruguaiana, 2015, Anais do VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade Federal do Pampa, 2015, v. 7, n. 2.

SHUBACH, T. M P; MENEZES, R, C; WANKE, B. Sporotrichosis. In: Greene C.E (Ed.) **Infectious Diseases of the Dog and Cat**. 4th ed. Elsevier, St Louis, 2012.

SCHUBACH, T.M.P; SCHUBACH, A.O. Esporotricose em gatos e cães – revisão. **Clínica Veterinária**, São Paulo, v.5, n.29, p.21-24, 2000.

SOUZA, L.L. Sporothrix schenckii: estudo epidemiológico em população de gatos. 2001. 32f. Dissertação (Mestrado em Veterinária Preventiva) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas.

SOUZA, L. L; NACENTE P. S; NOBRE, M. O; MEINERZ A. R. M; MEIRELES, M. C. A. Isolation of *Sporothrix Schenckii* from the nails of healthy cats. **Braz. J. Microbiol.** 37: 372-374, 2006.

VÁSQUEZ-DEL-MERCADO E; ARENAS R; PADILLA-DESGARENES C. Sporotrichosis. **Clin. Dermatol.** 30: p: 437-443, 2012.